

# Superexposição

O brasileiro Andrade Júnior é o recordista de atuações no festival

TEXTO E FOTO EDUARDO OLIVEIRA

Um nome vai aparecer mais que qualquer outro nas telas do Cine Brasília, CCB e Embracine CasaPark durante o 41º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro: Andrade Júnior. O ator de 63 anos está em nada menos de seis filmes que participam do festival: o longa *Além dos olhos*, de Peterson Paim, e os curtas *Medo do escuro*, de Cautê Brandão, *Nada consta 2: milítons robôs*, de Santiago Della-pena e Davi Matos, *A incomunicabilidade humana segundo Tarkowski*, de Thiago de Castro, *Bibliofagia*, de Renato Cunha, e *Ana Beatriz*, de Clarissa Cardoso.

Andrade é um candango legítimo. Vêo de Fortaleza para Brasília em 1959, aos 13 anos, e trabalhou na construção do Palácio do Planalto. Morava na Vila Amaraú, acampamento erguido num barraco que logo seria inundado e ganharia outro nome: Lago

Paraná. Reza a lenda que quando a vila foi engolida pela água, algumas casas ainda estavam de pé, e lá estão até hoje, formando uma verdadeira Atlântida candanga.

O cearense se mudou então para Sobradinho, cidade-satélite criada para abrigar os trabalhadores que tiveram suas casas levadas pela água. Foi lá que, meio por acaso, ele começou sua carreira de ator. Em 1963, trabalhava ajudando o diretor de uma peça quando teve sua grande oportunidade: "Faltando um dia para a estreia, o ator principal caiu fora. Ai, como eu já estava lá, acabei ficando no lugar dele", conta. "Na época, no Plano Piloto ainda não havia quase nada. A

gente se apresentava em Formosa, Planaltina, Paracatu, Luzitânia. O grande centro era Anápolis, e lá a peça era sucesso absoluto".

Sua estreia na telona também foi por acaso. Quando prestava vestíbulo para a UnB, acabou virando personagem do documentário *Vestibular 70*, de Vladimir Carvalho. Nos anos 70 e 80, continuou se dedicando ao te-

atro. Sua volta ao cinema, desta vez como ator, foi em 1990, no longa *Célio 137 - o pesadelo de Goiânia*, filme de Roberto Pires estrelado por Nelson Xavier, Joana Fomm, Paulo Betti, Stepan Nercessian e Paulo Goulgho. Andrade pegou gosto pela sétima arte e daí em diante fez mais de 40 filmes e contracenou com nomes como Antônio Fagundes e Rodrigo Santoro.

A pesar de já ter trabalhado com grandes cineastas, como Nelson Pereira dos Santos, o que o ator gosta mesmo é de prestigiar o novo cinema brasileiro. "Eu gosto de filmes de Brasília, desses diretores novos daqui, que têm muita criatividade". A relação é recíproca, já que ele é sempre procurado por jovens diretores que o querem em seus filmes. "Se este ano atuo em onze, quatro longos e sete curtas. Destes, sete, já se destacaram: o longa *Síndrome de Pinocchio* foi selecionado para o X FIC, além dos seis que concorrem no Festival de Brasília. Esperançoso de levar um Candango para casa, Andrade dá os pulinhos: "*Nada consta 2* periga ganhar melhor filme e *Medo do escuro* melhor ator".

Em meio a tantas gravações, ele ainda acha tempo para se dedicar ao teatro, do qual estava afastado há dez anos. De volta aos palcos, atou no último dia 5 na peça *As nidas de Molière*, da diretora Miriam Virna, que acabou conquistando o Prêmio Sesc do Teatro Candango 2008. O espetáculo é uma livre adaptação da obra-prima de Molière, *As preciosas ridículas*. Portanto, para quem ficou curioso, não vão faltar oportunidades de conhecer o trabalho de Andrade Júnior, no palco ou na tela grande.

# Walter Cultura ou Walter Memória?

Ser chamado de um jeito ou de outro não faz diferença para esse baiano que dedicou quase 50 anos de sua vida à cultura e à memória de Brasília

POR VICENTE SÁ  
FOTO EDUARDO OLIVEIRA

Walter Albuquerque Mello nasceu em 5 de novembro de 1928 em Salvador, criou-se e estudou em Ilhéus e formou-se em serviço social na capital baiana. Chegou a Brasília ainda nos anos 60, vindo do Rio de Janeiro, onde frequentava cineclubes e rodas culturais. Veio para montar e cuidar de uma livreria e discoteca (a de discos, não a de dança) mas uma vez aqui não pôde deixar de envolver-se no meio cultural. Com a renúncia de Jânio Quadros e o marasmo temporário pelo qual passou a cidade ainda em construção, foi convocando, em 1962, a trabalhar na Fundação Cultural junto com uma turma que buscava manter o que ainda restava de resistência intelectual.

Foi assim que, em 1965, junto com Cleandro Siqueira, presidente da Fundação Cultural, e Paulo Emílio Sales, à época professor da UnB, ajudou a criar a Semana do Cinema Brasileiro, que dois anos depois veio a se tornar o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, agora patrimônio cultural imaterial do DF, ao lado do Boi-Bumbá do Seu Teodoro.

Depois, Walter foi para a Divisão de Patrimônio Histórico e Artístico, onde seu amor pela cidade e por sua história ajudou a tomar tanto a pedra fundamental de Planaltina quanto a Igrejajinha da 307/308 Sul. Para ele, o importante não era só o tombamento, mas a consciência das pessoas de se disporem a cuidar e respeitar esses monumentos.

Como criador e diretor do Arquivo

Público do Distrito Federal, procurou realizar o antigo sonho de torná-lo útil às pessoas. Por isso, era comum, nos anos 80, ver dezenas de trabalhadores, com suas carteiras profissionais na mão, indo ao Arquivo Público em busca de informações sobre seus tempos de serviço, para conseguir a aposentadoria.

Walter "Cultura", como era chamado carinhosamente por Oscar Niemeyer, transitou durante décadas tanto no meio da juventude que se organizava quanto dos mais "crescidos" que dirigiam a vida cultural da cidade. Nas palavras do amigo Antônio Emílio da Costa, ele é "também tio do Departamento do Patrimônio Histórico e do Centro Cultural Renato Russo, primo do Memorial JK e do Museu do Índio, avô do Conjunto Cultural da República..." E por aí seguem seus laços de parentesco com a cidade.

Sempre afeiçoado ao cinema: "Eu era cineclubista de carteirinha, perguntei ao Vladimir Carvalho". Ajudou o amigo na preservação de alguns de seus filmes em salas acimadas do Arquivo Público, enquanto ele não conseguia verba para finalizá-los.

Mesmo sem dirigir, Walter Mello continua

dando seus passeios pela cidade, às vezes de ônibus, às vezes com o filho. Mas nem sempre os passeios terminam felizes. Quarenta e oito anos depois de aqui ter caminhado pela primeira vez, o homem que é o arquivo vivo da memória candanga às vezes se entristece com a má conservação de alguns locais e com a falta de cuidados dos próprios moradores para com "uma cidade que foi feita com tanto amor por tantas pessoas".

E neste ano em que o Festival de Brasília, talvez seu filho mais famoso, chega à sua 41ª edição, esse jovem de 80 anos, que continua trabalhando como assessor do Arquivo Público e participando ativamente da vida cultural da cidade, bem que poderia ser mais reconhecido e saudado. Talvez com a outorga de um título "Memória Candanga", em reconhecimento ao inenso trabalho desenvolvido tanto pe-

lo cinema quanto pela cultura do Distrito Federal.

